



LE FANU, Joseph Thomas Sheridan. **Carmilla**: A vampira de Karnstein. Tradução, posfácio e notas de Martha Angel e Humberto Moura Neto. São Paulo: Via Leitura, 2018. 95 p.

ROMANCE ENTRE MULHERES E O APAGAMENTO DE CARMILLA

Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos¹
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
victoria.lopes@acad.ufsm.br

Mary Wollstonecraft, em *Reinvidicação dos Direitos da Mulher* (publicado em inglês pela primeira vez em 1792), introduz a discussão sobre os espaços públicos e os espaços privados ao denunciar os prejuízos trazidos pelo fato dos homens terem acesso aos direitos básicos, como a educação formal e a propriedade, enquanto eram extraídas das mulheres as capacidades de frequentar escolas, de gerir os próprios bens ou de expressar-se publicamente, o que fazia delas seres dependentes dos homens, submetidas de forma patrimonial aos pais, maridos ou irmãos, por injunções de uma estratificação fundada na “diferença dos sexos”. Seguindo as inquietações de Wollstonecraft e de um breve panorama do Período Vitoriano (1837-1901), momento em que se iniciam as discussões acerca da emancipação das mulheres, resultantes da primeira onda do feminismo, entre o final do século XIX e o século XX, a presente resenha visa compreender o contexto histórico ao qual pertencente a obra *Carmilla, a Vampira de Karnstein* (1872; 2021), de J. Sheridan Le Fanu, assim como entender como a figura da mulher, da vampira e da sexualidade feminina são construídas ao longo da narrativa.

Filha de uma princesa alemã, a Duquesa Kent, com um dos filhos do rei Jorge III, Alexandrina Vitória, assumiu a Coroa britânica aos 18 anos de idade, após a morte do seu tio, rei William IV, em junho de 1837. Seu reinado foi tão importante que, desde a rainha Elizabeth I, nenhum outro monarca havia dado nome a uma época. Ao contrário disso, eram vistos com repúdio e indiferença pelo povo. Durante o seu reinado, surgiram grandes discussões e avanços científicos e tecnológicos, bem como pensamentos que desafiavam os limites da lógica e da razão humana. Esse foi também um período em que a expectativa de vida era muito baixa, “de doenças, epidemias, falta de assistência médica e condições sanitárias precárias” (HELOISA, 2020, p. 23). Tais acontecimentos marcaram a forma como a literatura era escrita e absorvida pela sociedade vitoriana, pois, diferentemente do que vinha sendo produzido na era do Renascimento e do Barroco, aumentou o interesse em narrativas que se ocupassem da descrição de experiências individuais, da valorização do sujeito e da apresentação de situações cotidianas. Ou seja, a experiência literária era vista como uma descrição dos problemas sociais com “a

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Letras - Português e Literaturas da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Voluntária do grupo de pesquisa Trânsitos teóricos e epistêmicos: feminismo(s) estudos de gênero e teoria queer, sob orientação do Prof. Drº Anselmo Peres Alós.



mais rigorosa fidelidade” (LÚCAKS, 2000, p. 83). Após a morte do príncipe Alfred, Vitória passa por um longo período mórbido, que influenciou os artistas e escritores vitorianos a explorarem o gótico – em especial da metade para o final do período oitocentista. É esse o contexto em que se insere *Carmilla*, de J. Sheridan Le Fanu.

Em 1792, Wollstonecraft já denunciava que a mulher, na visão da sociedade, era vista como um ser subordinado e não como ser humano, enquanto os homens eram vistos como superiores, em nome daquilo que é defendido tradicionalmente como “natural” e “biológico”. Sendo assim, a função social da mulher, em um mundo patriarcal, sempre giraria em torno daquilo que é seu destino: estar disponível a depender de forma afetiva/sexual e socioeconômica do homem. No século XIX, as observações de Wollstonecraft ainda ilustravam a forma como a mulher era vista na sociedade, inclusive pela própria Rainha Vitória. Segundo Márcia Heloisa (2020), mesmo que a rainha gozasse da liberdade que a sua posição lhe permitia, ela defendia que o ambiente apropriado para as mulheres era o espaço doméstico e de seus afazeres, sendo elas propriedade legal dos seus maridos. Em contrapartida, um dos traços mais marcantes do período vitoriano é a luta pela emancipação das mulheres e pelo voto feminino.

Michel Foucault, em *História da Sexualidade* (2014), apresenta a Era Vitoriana como um período em que a sexualidade é confiscada pelo pensamento patriarcal, sendo as relações heterossexuais consideradas como legítimas, procriadoras e ditadoras da lei, uma vez que essas relações possuem o direito de existir no espaço social, enquanto aqueles e aquelas que fogem dessa configuração são considerados abjetos, desviantes e anormais, e estavam sujeitos à inexistência pública. Ainda segundo Foucault (2014), durante o regime vitoriano o corpo da mulher passou a ser visto com histeria, a fim de assegurar o lugar da mulher como subalterno. Para isso a medicina, a religião e outras esferas de poder, passaram a produzir práticas controladoras daquilo que foge ao gênero binário (homem/mulher) e da heterossexualidade, sendo o desejo homossexual considerado uma prática sodomitas e a lesbianidade pecaminosa.

Destaca-se que há alguns críticos que, historicamente, consideram as relações homoafetivas regularmente mais perseguidas do que as relações afetivas-sexuais vividas entre duas mulheres, sob o pretexto de que elas tinham mais liberdade para demonstrar afeto umas pelas outras. Entretanto, tal fato não é verdadeiro, tendo em vista que, ao longo do tempo a existência da mulher lésbica e bissexual sofreram apagamentos. Tânia Navarro-Swain explica que as práticas homossexuais eram reconhecidas, enquanto as práticas afetivas ou sexuais entre duas mulheres não possuíam um nome exato e, ao nomear, cria-se uma imagem, cria-se um personagem no imaginário social. As mulheres homossexuais não tinham direito a um nome, logo, à existência” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 19). Tal exposição leva à reflexão do porquê *Carmilla*, uma das primeiras e mais importantes obras sobre vampiros, ser pouco estudada e lembrada no contexto da literatura vitoriana.

Carmilla (1872), obra mais conhecida do escritor irlandês Joseph Thomas Sheridan Le Fanu, é uma das primeiras histórias sobre vampiros da literatura, servindo de influência para um dos maiores clássicos do gênero, *Drácula* (1897), de



Bram Stoker. A narrativa de *Le Fanu* possui dezesseis capítulos, que foram publicados em um primeiro momento na forma de novela na revista *The Dark Blue* entre 1871 e 1872, e nele são entrelaçadas as questões vitorianas que lhe são contemporâneas às questões da sexualidade feminina.

No primeiro capítulo o leitor conhece Laura, uma jovem de vinte e sete anos que faz uma longa exposição sobre um castelo ou *Schloss* na Estíria, onde ela vive com o pai, uma governanta gentil e uma “educadora” (LE FANU, 2021, p. 9). Seu pai, “o homem mais bondoso da face da terra” (LE FANU, 2021, p. 9), é a única figura masculina constante em sua vida, o que marca a configuração social da mulher durante o período vitoriano. O castelo distante da cidade está localizado em uma pequena elevação de uma floresta, cujo vilarejo mais próximo é uma vila em ruínas a três milhas de distância, onde “jazem as tumbas decrépitas da orgulhosa família Karnstein” (LE FANU, 2021, p. 9). Laura informa, ao longo da sua apresentação, que os fatos relatados ocorreram em dois períodos temporais diferentes, mas que o leitor descobre ao decorrer da trama estarem relacionados: 1) quando “não devia ter mais do que seis anos de idade, teria visto a imagem de uma bela moça e, logo após, ter tido uma “sensação parecida com a de duas agulhas cravando-se fundo” (LE FANU, 2021, p. 11) em seu peito e; 2) quando ela tinha dezenove anos e conhecera uma bela jovem chamada Carmilla. Após o primeiro incidente mencionado, um médico e um padre são convocados até o castelo, o que insinua que a família seja religiosa.

No segundo capítulo, *Uma convidada*, Laura está à espera de Mademoiselle Rheinfeldt, filha do General Spielsdorf, mas para seu descontentamento, seu pai teria recebido uma carta do General informando que a menina havia falecido por uma causa, até então, desconhecida e, de forma confusa, suspeita que a morte teve ligação com a visita de alguém que ele denomina como um “ser maldito” (LE FANU, 2021, p. 14) e “monstro” (ibidem, p. 14). Naquela mesma noite, enquanto Laura, seu pai e suas duas governantas estavam observando a Lua Cheia, uma carruagem em alta velocidade sofreu um acidente. Ao prestar socorro, a família se deparou com uma jovem dama e com uma senhora, que relatou estar em uma “jornada de vida ou morte” e, por isso, precisaria deixar sua filha que estava doente no caminho e só poderia buscá-la ou ter notícias da menina até o seu retorno em três meses. Laura, ainda abalada com a morte de Bertha, insistiu para seu pai oferecer os cuidados da sua família, o que fora atendido sobre a condição da jovem não poder compartilhar nenhuma informação sobre a sua família e a sua origem. Ao ver a hóspede pela primeira vez após o acidente, Laura leva um grande susto, ao perceber se tratar da mesma menina que apareceu em seus sonhos quando criança, bem como a visitante afirma ter visto Laura em seus sonhos doze anos atrás.

No capítulo IV, Laura descreve a hóspede como uma jovem esguia e muito graciosa, lânguida e bonita, mas que lhe causava certos desconfortos. Além disso, a menina guardava com muito afincio informações sobre a sua vida, causando grande curiosidade em Laura, que por insistência conseguiu três informações sobre a convidada: “Primeiro, seu nome era Carmilla. Segundo, sua família era muito antiga e nobre. Terceiro, seu lar situava-se na direção oeste (LE FANU, 2021, p. 29)”. O desejo entre duas mulheres na época em que a obra de Sheridan Le Fanu



foi escrita era visto como desviante e ameaçador, o que explica a “agitação estranha e turbulenta, por vezes prazerosa, mesclada a uma vaga sensação de medo e repulsa” (LE FANU, 2021, p. 30) que Laura sentia sobre as manifestações amorosas de Carmilla. Em uma intromissão da protagonista, que observa a história dez anos depois, há uma referência às investidas de Carmilla como uma “provação” (LE FANU, 2021, p. 30), instaurando a dúvida ao que de fato ela está se referindo (seria a sua heterossexualidade?).

Segundo Adrienne Rich, a arte e a literatura retratam a mulher lésbica sempre com as seguintes características: mulheres bizarras, amorais, destrutivas e decadentes e que por muito tempo foram representadas como o “mal feminino” (RICH apud CLARKE, 1981, p. 128). Torna-se interessante observar que a personagem Carmilla não possui medo de demonstrar os seus desejo afetivos e sexuais por outra mulher, mas ao mesmo tempo, essas manifestações são vistas pela personagem Laura como resultados de uma “perda momentânea do controle sobre os instintos e as emoções” (LE FANU, 2021, p. 31) ou como se a jovem fosse, na verdade, um homem disfarçado: “E se algum rapaz apaixonado tivesse se infiltrado em nossa casa para, dissimulado, conseguir seu intento, auxiliado por uma velha e astuta aventureira” (LE FANU, 2021, p. 31).

Ainda no capítulo IV, uma misteriosa doença parece estar assombrando os vilarejos próximos ao castelo. Todas as vítimas eram mulheres e apresentavam como sintomas alucinações e febres, vindo a falecer dentro de alguns dias. Em uma noite, o pai de Laura atribui os acontecimentos a uma espécie de vírus da qual as “pessoas infectam-se umas as outras com suas superstições, e na imaginação repetem as imagens de terror que assombram seus vizinhos” (LE FANU, 2021, p. 31), e invoca a imagem de Deus como protetor da sua família. Diante desse discurso, Carmilla ironiza a crença proferida pelo pai de Laura e declara já ter sido vítima “deste mesmo mal” (LE FANU, 2021, p. 31) e, no capítulo VI, conta para Laura que, durante o seu primeiro baile, ela quase foi assassinada por um amor estranho e cruel (LA FANU, 2021, p. 44) que a atacou e a feriu nos seios. Nessa mesma noite, Laura relata ter vivenciado uma experiência de paralisia do sono, em que ela tem a sensação de ter acordado durante a noite, porém, imóvel, percebe a presença de um animal negro, semelhante a um gato monstruoso (LE FANU, 2021, p. 45) que a ataca como se estivesse perfurando seu peito com duas agulhas. Quando acordou, a jovem viu aos pés da cama “uma figura feminina parada, um pouco para a direita. Usava um vestido solto escuro, e os cabelos cobriam-lhe os ombros” (LE FANU, 2021, p. 45). Enquanto observava a imagem da mulher que estava em seu quarto, a figura começou a mudar de lugar em direção a porta, que para o espanto da jovem estava trancada por dentro. Com o decorrer dos dias (entre o capítulo VI e XX), Laura passa a apresentar sintomas parecidos com os das jovens camponesas infectadas pela doença misteriosa.

Em uma jornada em busca de uma possível cura, Laura e o pai vão para o vilarejo de Karnestein, onde no meio do caminho encontram com o General Spieldolf. Durante o encontro, o General expõe que, dias antes de sua sobrinha Bertha falecer, eles haviam conhecido uma jovem chamada Millarca (que, na carta escrita por ele, é descrita como um “monstro” ou “ser maldito”) e sua mãe em um



baile de máscaras. Segundo o Coronel, o encontro de Bertha com Millarca foi amor à primeira vista, como ele “nunca havia visto, à exceção da própria desconhecida que também estava encantada com ela” (LE FANU, 2021, p. 67) e que a jovem, a pedido de sua mãe, teria passado um tempo hospedada em seu castelo. É durante a história do Coronel que tanto Laura quanto o/a leitor/a descobrem que Carmilla é, na verdade, Millarca e, Millarca é “a mesma pessoa que um dia, muito tempo atrás, foi chamada de Mircalla, condessa de Karnstein” (LE FANU, 2021, p. 83). A variante do nome apresenta-se como uma condição imposta à sua forma de vampira, assim como as características vampírescas da personagem são utilizadas como metáfora, como uma representação da mulher maléfica, histórica e que subverte os papéis da mulher da era vitoriana. Na medida em que Carmilla é morta, Laura passa a melhorar da sua doença, que não deixa de estar interligada com as características associadas às relações entre mulheres da época: doença, desobediência e degradação dos códigos sociais e morais. Portanto, quando Laura se liberta dos encantos de Carmilla, ela volta a reproduzir aquilo que dela é esperado.

Finalmente, *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu, contrapõe-se em relação ao papel da mulher da sociedade em sua época ao apresentar o desejo amoroso ou sexual entre duas mulheres, bem como através da figura da vampira e do “ser monstruoso” retrata o confronto da sexualidade feminina com o patriarcado. Parafraseando Adrienne Rich, as relações entre mulheres incluem “tanto um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres” (RICH, 2012, p. 36). A obra parece não estar prendida somente à orientação das personagens, mas também revela a possibilidade de uma leitura crítica sobre a estratificação social do período vitoriano, da monogamia e da influência da Igreja Católica. Para tanto, assim como a obra influenciou a literatura sobre horror e diversas adaptações cinematográficas, espera-se que após mais de um século de sua primeira publicação, em inglês, a presente tradução para o português possa despertar o interesse do grande público brasileiro.

Referências:

CLARK, Cheryl. Lesbianism: an act of resistance. *In*: MORAGA, Cherríe.; ANZANDÚA, Glória. **This Brigde Called My Back**: Writings by Radical Women of Color. Watertown, Massassuchets: Persephone Press, 1981. p. 128-137.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HELOISA, Márcia. (Org). **Vitorianas macabras**. Tradução de Márcia Heloisa. São Paulo: Darkside Books, 2021.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.



RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, [s.l.], v. 4, n. 5, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

STOKER, Bram. **Drácula**. 1. ed. London: Penguin Companhia, 2014. 648 p.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

Recebido em: 20/05/2022

Aceito em: 28/04/2023